

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA, 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Órgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 25 de novembro de 1899)

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Relactor gerente

Eduardo de Noronha

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Sabbado, 15 de Novembro de 1902

Assignatura, paga adiantada

Lisboa 6 mezes	600 réis
Provincias, 6 mezes	680 »
Numero avulso	60 »

TIRO

O TIRO NACIONAL

(Concluido do n.º 246)

XII

Lendo estes novos estatutos vê-se que elles teem apenas por fim mudar o campeonato nacional em campeonato escolar, pelos motivos já indicados.

A 2 de abril de 1900, fundou-se em Leiria a 1.ª filial da *União*, e a 27 de maio realison se, na carreira do tiro em Pedrouços, o 1.º campeonato escolar de tiro. Depois, e n'este mesmo anno, a 22 de julho e a 13 de setembro, fundam-se as 2.ª e 3.ª filiaes, em Almeida e Bragança e activam se os trabalhos da *União*, o que lhe mereceu uma portaria de louvor do ministerio do reino, publicada a 20 de setembro, no *Diario do Governo* n.º 212.

Organisam-se, em seguida, as filiaes de Coimbra, Vizeu, Espinho, Loanda, Bengella e Guarda, e a 15 de novembro de 1901, o Ministerio do Reino, tendo ainda em attenção os relevantes serviços prestados pela *União* ao desenvolvimento do tiro nacional, ainda lhe concede uma outra portaria de louvor que foi publicada no *Diario do Governo* n.º 258.

Apezar de todas estas apparencias de progresso, os resultados praticos foram quasi nullos, e esta patriótica instituição, não obstante a sua boa vontade, não consegue do governo, mais do que promessas, palavras affectuosas e uma resistencia passiva no seu caminho de propaganda e prosperidade.

Tentou a *União* organizar novos estatutos, em harmonia com a nova lei do recrutamento, e os estatutos, elaborados e apresentados ao Governo em agosto de 1902, continuam no olvido entre o pó das secretarias.

Estes estatutos são concebidos nos termos que se seguem:

A *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, com séde na carreira de tiro da guarnição de Lisboa é reconhecida como instituição legal e patriótica pelo decreto de 13 de outubro de 1898, deve ser o centro de acção de todo o movimento associativo e servirá de inicio para o desenvolvimento da instrucção do tiro nacional, dependendo, por esse motivo, directamente da Direcção Geral dos Serviços de Infantaria.

Sendo organizada em harmonia com o decreto de 19 de agosto de 1893, de que já nos occupámos n'este artigo, e que regula os exercicios de tiro dos individuos da classe civil, e com o regulamento dos serviços do recrutamento, approved por decreto de 24 de dezembro de 1901, a *União dos Atiradores Civis Portuguezes* terá por fim generalisar na população civil de todo o paiz, tanto na metropole como

nas colonias, a educação militar e no especial o conhecimento da theoria e pratica do tiro de guerra, estimulando o gosto publico para este exercicio, tão importante para a defesa da Patria, como vantajoso aos proprios associados, e regularisar e coordenar todos os esforços individuaes e iniciativas locais, de modo a tornal as proveitosas ao intuito patriótico, collocando-os nas devidas relações de subordinação á Direcção Geral dos Serviços de Infantaria.

Para a realisação do seu intento propõe:

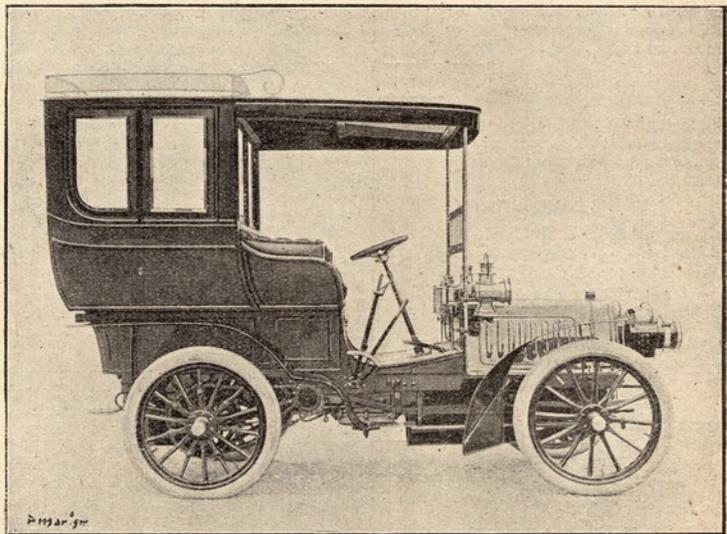
Facultar a instrucção do tiro de guerra até á classificação de atiradores de primeira classe, segundo as tabellas e regulamentos em vigor no exercito.

Collocar os socios menores de 18 annos nas condições de aproveitarem as regalias conferidas na secção IV, artigo 147.º da lei do recrutamento, passando-lhe o diploma respectivo. Esta disposição transfere os mancebos para a segunda reserva.

Crear quando seja exequivel e auctorizada, uma legião de voluntarios atiradores, com instrucção militar e subordinada a regulamentos especiaes superiormente approvedos.

Como se vê os novos estatutos da *União*, submettidos á approvação do governo, teem muito maior alcance, e poderiam dar magnificos resultados n'um paiz onde pulsasse vivo o amor da Patria e onde as classes dirigentes podessem ou quizessem romper com preconceitos e desprezar conveniencias, mas aqui, com maior motivo do que na Italia, parece que ainda tarda o momento em que possa tornar se popular e pratica tão util instituição.

A realisação das primeiras propostas da *União*, nas actuaes circumstancias, tambem está longe de poder ser aproveitada, e as disposições da secção IV da lei de recrutamento não passam de letra morta. Sem que se publique um novo regulamen-



Automovel F. I. A. T. de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia

Organisar provas publicas de tiro nas terras do paiz onde haja carreiras de tiro, instituindo premios para os atiradores melhor classificados.

Promover o estabelecimento de carreiras onde as não haja, e se encontre local apropriado, procurando para esse fim obter a cooperação pecuniaria das povoações interessadas.

Concorrer para o maximo esplendor do concurso official, e promover festas especiaes, torneios e certamens.

Fazer propaganda para o desenvolvimento do tiro em conferencias publicas, em jornaes e outras publicações.

to de tiro, para as armas portateis, que altere o de 1892, hoje em vigor, só poderá ser atirador de 1.ª classe aquelle que satisfizer ás condições estipuladas na tabella da 2.ª classe para o tiro de applicação; ora esta tabella, exige oito provas, uma das quaes, a 7.ª, é feita á distancia de 600 metros, estando o atirador deitado, e tendo por alvo o normal quadrado, o qual deve ferir 5 vezes, alem de tocar, outras 5 vezes, diferentes alvos nas restantes provas e em diversas posições. E' pois difficil satisfazer a esta prova e raros seriam aquelles a quem podesse ser applicado o beneficio da lei do recrutamento.

Ultimamente, uma nova criação, a da organização do curso de educação militar, estabelecido no Real Instituto de Lisboa, que foi decretada pela Ordem do Exército n.º 17 de 11 de outubro findo, vem de alguma maneira affectar os direitos da União, uma antiga instituição que tanto tem trabalhado e que, nos parecia, tinha jus a melhores condições de vida e á mais desvelada protecção.

R. A.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

PARTE OFFICIAL

Commissão executiva

ACTA n.º 89

Sessão em 4 de Novembro de 1902

A's 3 horas da tarde, na redacção de *O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Pedro José Ferreira, Correia Pinheiro e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão pelo sr. presidente.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão. Foi lida a correspondencia, á qual se resolveu dar expediente.

Foi resolvida a interrupção da instrucção de alumnos até á approvação dos nossos estatutos e publicação do novo regulamento de tiro, que a commissão considera como bases essenciaes á continuacão da propaganda e desenvolvimento do Tiro Nacional, no actual momento.

Não havendo mais assumpto a tratar, foi encerrada a sessão ás 4 horas da tarde.

O SECRETARIO,
Eduardo de Noronha.

Balancetes mensaes

AGOSTO

Receita:		
Saldo de julho.....	4\$356	
Beneficio de 1901-1902:		
S/cobrança.....	56\$800	
Quotas:		
S/cobrança.....	30\$600	
Receita eventual:		
Donativo de um socio.....	\$500	87\$900
		92\$256
Despeza:		
Expediente:		
Pago por papel em branco....	2\$000	
Despezas de representacão:		
Representacão da União em		
Mafra e no Porto.....	12\$700	
Premios:		
Premio pecuniario da União,		
em Mafra.....	10\$000	
Distinctivos:		
S/compra.....	1\$500	
Gastos geraes:		
Despezas de cobrança, ordena-		
dos, gratificacões e despe-		
zas mudas, etc.....	37\$620	
Fornecedores:		
N/pagamento.....	15\$210	79\$030
Saldo para setembro.....		13\$226
		92\$256

O secretario servindo de thesoureiro

Eduardo de Noronha

COMMEMORAÇÃO

Amanhã 16, fazem nove annos, que por iniciativa do director d'esta revista, se fundou a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, a primeira associacão de atiradores que houve em Portugal.

A sessão teve logar na sala da Associação Commercial dos Logistas de Lisboa, então com sede no rês do chão do palacio Bessone, na rua do Ferregial de Cima. Alem do iniciador estavam, entre outros, os srs José Antonio Nunes, Guilherme Telles de Menezes, Palermo de Faria, primeiro presidente da direcção, Julio de Moura, Eduardo Perry Vidal, Dr. Pedro Roxa, que presidiu á sessão, Claudio Castello Branco, Alberto C. das Neves Cabral, J. Moraes Carvela, Agostinho Manoel de Sousa, José Galvão Teixeira, Carlos F. de Simas Buys, Pedro Corrêa e Francisco Augusto de Padua Franco, o primeiro presidente de assembléa geral que a associacão teve.

LISBOA

A União dos Atiradores Civis acaba de adquirir para premios de tiro, dois magnificos bronzes d'arte (copias) premiados ambos no *Salon-Pro Patria e Defesa da bandeira*. Brevemente daremos a gravura d'estas duas obras primas as quaes serão expostas na casa dos nossos amigos Baptista & Ferreira, onde foram adquiridas, de entre uma preciosa collecção que o nosso amigo e distincto atirador Gonçalo Heitor Ferreira, socio d'aquella firma, escolheu na sua viagem pelo estrangeiro.

O nosso amigo, com o seu aprimorado gosto e *savoir faire* prehenheu uma lacuna sensivel no nosso meio *sportivo*, qual era a de não se encontrar em Lisboa, premios adequados aos diversos ramos de *sport*. Hoje encontra-se na sua casa, um escolhidissimo sortimento d'objectos d'arte, allusivos á caça, tiro, gymnastica, esgrima, velocipedia, etc.

LEIRIA

Indigita-se para presidente da 1.ª filial da União, n'esta cidade, o sr. Frederico Garcia, coronel commandante do districto de recrutamento e reserva n.º 15 e o sr. Francisco Ribeiro Vianna, capitão d'infanteria n.º 7, para vice-presidente.

ESPINHO

A 6.ª filial da União, pediu para continuar aberta, á frequencia dos civis, durante o inverno, da carreira de tiro d'Esmoriz.

A instrucção de tiro no Real Collegio Militar

(Continuado do n.º 243)

Em 1901 apenas se dispoz de uma bésta e o tiro executou-se ás distancias de 10, 15 e 20 metros, de pé e de joelhos, comprehendendo cada sessão de ordinario 16 tiros, dos quaes os seis primeiros eram sempre considerados de ensaio.

Os alvos empregados n'esse anno foram os seguintes: a 10 metros tres zonas limitadas por circulos com os diametros de 0^m,10 — 0^m,20 — 0^m,30; a 15 metros, o mesmo numero de zonas limitadas por circulos de 0^m,15 — 0^m,25 e 0^m,35 de diametro; e a 20 metros ainda as mesmas tres zonas e os circulos de 0^m,20 — 0^m,325 — 0^m,45.

Devido ao grande numero de alumnos que recebiam instrucção — 37 da 5.ª e 6.ª classes —, ao pequeno numero de horas a esta destinadas e ainda ao facto de se não dispor senão de uma unica bésta, os alumnos pouco se puderam exercitar e não chegaram a adquirir grande destreza no tiro.¹

No programma do concurso de provas praticas realisado em 11 de julho do referido anno, foi incluido um numero especialmente consagrado ao tiro de bésta, no qual, para evitar grande demora, apenas tomaram parte os 6 alumnos que durante o anno se haviam revelado melhores atiradores. Entre esses alumnos realisou-se pois um concurso, sendo disputado o premio de um estojo para desenho, offerecido pelo Collegio.

Devido á hora adiantada da tarde a que o concurso começou e principalmente ao vento um tanto forte que soprava, o tiro não produziu nenhum resultado notavel; o premio coube ao alumno da 6.ª classe n.º 81, Monção Soares.

Não dispondo as béstas de justeza nem de precisão que se approximem sequer das armas de fogo, o seu tiro é relativamente mais difficil que o d'estas, e especialmente porque os dardos offerecendo grande superficie ao ar, experimentam grandes desvios logo que haja vento, mesmo pouco forte. Os dardos que vêm da Suissa, sendo como são, fabricados mechanicamente, além de rigorosamente egues em peso e dimensões, são perfeitamente equilibrados; succede, porém, que com a pratica do tiro, a ponta de ferro, percutindo por vezes o terreno, deforma-se, e o cabo de madeira lasca e parte-se com extrema facilidade, o que obriga a substituir com frequencia os dardos, e como entre nós estes so pôdem ser feitos ao torno, por maior rigor que haja na sua confecção, não se obtem nunca nem rigorosamente egues nem igualmente equilibrados.

D'aqui resulta que cada dardo apresenta seu desvio especial, o que difficulta em extremo o tiro, não permitindo fixar a correção de pontaria.²

A corda da bésta, sendo, como dissémos, constituida por uma meada de cordel de linho, no

fim de algum tempo de uso tem experimentado alteraçoes não só no comprimento como na sua elasticidade, devido á grande força de distensão a que é sujeita em cada tiro; por outro lado, a temperatura e a humidade exercem tambem influencia sensivel no estado da corda, o que tudo faz variar o tiro, tornando-o mais irregular e muito menos preciso que o de qualquer arma de fogo.

Dadas estas circumstancias, o tiro da bésta tem de ser considerado mais como elemento recreativo do que propriamente instructivo, o que não quer dizer que não possua a importante vantagem de ir habituando os alumnos a fazerem uso da alça e do ponto de mira, a corrigirem pontarias, a observar os preceitos relativos á posição de apontar, tanto de pé como de joelhos, e ao modo de actuar sobre o gatilho, etc... Como a bésta é bastante leve, o seu tiro pôde ser executado pelos alumnos mais novos e mais fracos e por isso é especialmente reservada aos do 5.º anno. embora os do 6.º e 7.º continuem a exercitar-se com ella no tiro ás maiores distancias, sendo de suppór que de futuro, logo qu e haja alumnos com tres annos de pratica, se encontrem alguns com destreza bastante para fazerem boa figura em qualquer concurso.

Em 1901, além do tiro da bésta, os alumnos effectuaram tambem na carreira do Collegio o tiro reduzido cam as carabinas Snider de 14^{mm}, empregando o antiquado e defeituoso material ^m/84, por não haver ainda entre nós nada preparado para aquella especie de tiro com as armas de 8^{mm}, apesar d'estas estarem distribuidas ao exercito desde 1887.

Não nos demoremos a descrever o que foi esse tiro, porquanto, além dos conhecidos defeitos do material ^m/84, as carabinas Snider do Collegio não teem condições algumas balisticas, por isso que, quando em 1877 foram arranjadas no Arsenal, limitaram-se a cortar os canos ás carabinas do exercito e a preparar umas coronha especies, de modo que aquellas ficassem com um comprimento apropriado á estatura dos alumnos, creando-se dois typos de arma, um maior e outro menor. Não se pensando então que com taes carabinas viesse a effectuar-se o tiro de bala, mantiveram-se as alças e pontos de mira proprios das Snider do exercito, e d'aqui resultou não haver a devida correspondencia entre as dimensões do cano e as graduacões da alça, altura do ponto de mira, etc...

Além disso, as armas em serviço no Collegio desde aquelle anno — 1877, — encontram-se hoje descalibradas, com o mecanismo da culatra gasto, os pontos de mira mais ou menos deformados, etc.

De tudo isto resultou que o tiro com taes armas nada podia produzir, embora fossem escolhidas as que se utilisaram na carreira, e com effeito a 10 metros, primeira e menor distancia a que atiraram, os alumnos não obtiveram sequer a percentagem de 25.

Não sendo conveniente requisitar para o Collegio carabinas ou espingardas Snider das que até 1887 estiveram em uso no exercito só para aproveitar o material ^m/84, tão justifiadamente condemnado, ficou resolvido pôr de parte por completo o tiro com essa arma, e estudar o material apropriado para o tiro reduzido com as carabinas Kropatschek, tomando como ponto de partida e base para as experiencias a effectuar, o material adoptado em França para aquelle tiro com as espingardas e carabinas Lebel de 8^{mm}.

PACHECO SIMÕES
Cap. d'inf.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

Os papeis de meu pae

(Movimento liberal e emigração — 1828)

(Continuado do n.º 245)

«No dia 9 de agosto marchou uma conducta para a Corunha (cavallaria n.º 2) a requisição do coronel de Milicias de Thomar, o Soares.

No dia 10 marchou cavallaria 6 para Corunha acompanhada de alguns paizanos. Marchou igualmente o coronel José Maria, de Milicias de Braga para o Ferrol, afim de fretar embarcações que nos transportassem para Inglaterra.

O patife do brigadeiro Pizarro tendo marchado para o Ferrol e tendo promet-

¹ A percentagem média obtida a 10 metros foi, em 1901, de 33. A 15 e 20 metros foi muito inferior.

² Para remediar este inconveniente tentou-se já no Collegio obter dardos só de ferro; as experiencias realisadas até hoje não deram porém resultado favoravel no tiro além de 10 metros.

tido requisitar-nos logo que ali chegasse, não o fez, dando sempre desculpas futeis, ao mesmo tempo que da Corunha estavam requisitando os seus amigos. As vistas do general e as suas promessas foram que embarcariam todos, para o que tinha dinheiro, dinheiro que, pelo que eu sube, fôra furtado quando se foi a Torno dar balanço á thesouraria, e que, segundo me disseram, eram 32 contos de réis em papel.

No dia 14, á noite, fui a casa do governador afim de me passar a guia de marcha, em consequencia de eu ter sido nomeado para a diligencia de apresentar ao general, no Ferrol, a relação dos individuos que se não achavam em circumstancias de pagar as suas passagens.

No dia 15, ás 7 horas, marchei de Betanzos juntamente, alem de meu tio, com o pagador de infantaria 3, e dois paizanos. Seguimos acompanhados por um soldado hespanhol de carabineiros n.º 2 da Corunha. Chegámos a Ponte de Eume ás 10 e meia, 3 legoas de Betanzos, comemos alguma cousa passada a Ponte, seguimos jornada ao meio dia, chegámos ao Seixo, uma legoa de Ponte, ás 2 horas; embarcámos e paasámos a Bahia atalhando assim 2 legoas, e desembarcámos na Porta da Fonte Nova. Aqui esperámos pela licença do Governador da Provincia, á presença do qual fomos mas que não encontramos em casa.

Fiz a marcha n'um cavallo alugado por 4 pesetas. O barco foi 1 real a passagem, alem da bagagem, e da egoa que o tio levava.

De casa do Governador fomos a casa do regedor para boletos. Fez-nos esperar que jantasse. Fomos entretanto a casa do general portuguez. O boleto que nos foi dado era privilegiado e assim tivemos que ir tomar outro na Plaza Real, ao lado da cadeia, em casa de um homem que tinha bilhar e café.

Quando saímos de Betanzos soubemos que tinham ali chegado officios do general portuguez para marchar todo o Quartel General; o que teve logar com effeito n'esse mesmo dia, saindo elle á 1 hora da tarde.

Até ao dia da minha chegada ao Ferrol só tinham saído 30 paizanos para França.

No dia da minha chegada fui um bocado ao theatre para o camarote do Pessoa, e d'ali para uma casa onde estava aboletado o capitão Pombeiro do 10 de infantaria, e o tenente Amaral. Dansei e cuvi cantar.

No dia 16 ao meio dia chegava o resto dos officios do Quartel General. N'este dia de tarde embarcaram em um navio russo 400 pessoas, e sahiu outro que levou 100 de infantaria 10, cavallaria 10, caçadores 9, artilheria 4 e voluntarios.

Essa noite fui passa-la com o Casimiro a casa de Cagueran, na rua de S. Simon, n.º 21, por convite de umas senhoras que encontrei no passeio, conhecidas do baile anterior.

No dia 17, indo para casa esperar pelo tio afim de irmos a uma reunião, faltou-me elle e assim passei a noite em casa.

N'esse dia sahiu o navio russo, e embarcaram n'uma balandra, que devia sair no dia immediato, alguns officios de infantaria 3.

No dia 18 saiu a balandra mas tornou a entrar por causa do vento duro norte.

N'este dia fui passar a noite a casa do General da Marinha, reunião o mais esplendida possivel. Houve dança e musica.

N'esta mesma noite tive de sair do bo-

leto por haverem terminado os 3 dias da lei, e o patrão não ser bom homem. Fomos para a rua del Carmen e Cruzciras, para a pousada do Valenciano, onde pagámos, eu e o tio, por casa, cama e mesa, peseta e meia.

No dia 19 fui a casa de um coronel, onde passei uma noite um pouco insipida; porém, boa casa e muita boa gente.

No dia 20 fui passar a noite a casa do Auditor, onde achei um bonito rancho de senhoras, tocando, a filha da casa perfeitamente piano. Tocou a cavatina do *Barbeiro de Sevilha*, umas variações, e a symphonia da *Semiramis*.

No dia 21 decidiu-se que o Quartel General fosse nas duas goletas: *Contrabandista* e *Harrieta*, sendo eu e o tio destinados á *Harrieta*. Fomos ao meio dia vêr os arranjos.

Fomos acolhidos no Ferrol da maneira mais agradável possivel (todos geralmente) gente quasi toda de identicos sentimentos dos nossos não podia deixar de fazer assim.

No dia 28, pelas 5 horas da tarde, embarcavamos. Os que embarcaram na escuna — onde não podiam ir mais de 50 — foram todos na coberta.

No dia 29, pelas 8 horas, levantamos ferro e seguimos viagem tendo pouco vento, mas favoravel para Inglaterra.

Na tarde do dia 30 tivemos bom vento, no dia 31 escasso, e no dia 1 de setembro, pela tarde, forte. Achavamo-nos na bahia da Byscaya.

Seguimos viagem com diferentes navios á vista, e com vento depois escasso, sempre até ao dia 5, em que esperavamos vêr terra, segundo a derrota do piloto. Não a vimos, e elle receoso de que fossemos ao O. do cabo de Prior, voltou a S.O. Pelas 4 da tarde levantou-se um temporal, que durou até ás 5 do dia seguinte, vendo-nos obrigados a correr com o tempo em arvore secca. Logo que amainou, voltou ao N., e pela noite ao S. até ao amanhecer do dia 7, e ao anoutecer outra vez no bordo do mar. Assim andaríamos sem nunca avistarmos terra, se no dia 8 pelas 8 da manhã, depois de marcharmos com 7 navios á vista, não avistassemos uma balandra ingleza, que, ao içarmos a bandeira, nos trouxe a bordo um piloto inglez da costa, o qual se obrigou a guiar o navio até ao canal, aonde devíamos tomar outro piloto. Ajustou-se por 29 duros, dos quaes os officios pagaram 17.

Pelas 4 horas da tarde avistámos as ilhas Sisargas, Santa Maria, Santa Helena e Bayor; e no dia 9 pelas 5 horas o cabo de Prior, dando fundo ás 9 horas da manhã.

Fui logo para terra mais o tio, Villas Boas e Moncada. Durante a viagem estive sempre enjoado.

Fomos para Markets street, para casa de uma mulher que tinha loja de leitões e colções.

Jantámos n'esse dia em uma casa de pasto, para deante do Hotel Royal, defronte de um rebatedor. Gastámos cada um 1 sh. e 10 pen. As camas eram 1 sh. por dia.

No dia 10 almoçámos na King's arms Hotel. Importou-nos o almoço, bifés e chá, a cada um 1 e meio sh.

Jantámos em uma casa de pasto especulativa por 1 sh., porém, pessimamente.

No dia 11 almoçámos na casa do dia do desembarque, e ali continuámos a almoçar por meio sh., só chá. N'este dia mandámos fazer o jantar de peixe a bordo, porém sendo o seu custo o mesmo voltámos a comer em terra; e no dia 12 fomos

jantar em uma casa adiante da nossa pousada por 1 sh. Bom jantar.

Desejavamos ter marchado no vapor, porém, não nos foi possivel pela demora que teve na volta da ultima viagem.

Eramos todos mandados para Plymouth, onde o Candido Xavier se achava organisando o deposito dos portuguezes. A nossa marcha tinha de ser em consequencia.

No dia 11, indo passear para o lado da cidadella, o commandante do porto disse-nos ter chegado um paquete em 5 dias. Logo depois vimos o commandante que nos deu noticia da queda da Madeira, e o commandante do porto leu-nos a carta do capitão Smith com o relatorio das noticias.

No dia 13 estavam destinados a ir n'uma balandra. Encheu-se porém. Arranjamos outra onde vimos 41; entre estes alguns dos vindos de Lisboa no paquete: Chateau Neuf, Peixoto, e o capitão do D. Joanna, sendo 18 o total dos emigrados.

Fizemo-nos á vella de Falmouth á 1 da tarde. Pouco vento. Chegámos dentro do porto de Plymouth ás 9, sendo-nos necessario fundear distante por causa da corrente. Ao amanhecer chegámos ao caes. Desembarcámos e mandámos fazer o almoço na casa logo ao lado direito. Apresentámos-nos ao Candido, e fomos para os nossos corpos, que se achavam formando seccções.

Fui para High Street, defronte do alfaiate J. Barlow, para casa de um sapateiro onde pagavamos eu e o Villas Boas, por cada cama 1 sh. e 1/2, e mais 1 sh. cosinhando os nossos soldados.

Fomos no dia 15 abonados de etape.

Falmouth é uma aldêa, porém bem situada e porto de direcção dos paquetes.

Plimonth, Devonport é uma grande cidade, com grandes ruas, grandes edificios e muito commercio.

Aqui recebi no dia 15 carta do meu pae, que me custou 2 sh. e 3 p.

Depois de estar 5 semanas em High Street, em casa de E. Dickerh, mudei para Union Street em Stonehouse, n.º 27, para casa de Hunkins juntamente com J. Valdez, Villas Boas, Travassos, e o tio, tendo cada um sua cama e quarto. Pagava 7 sh. por semana, fóra luz.

No dia 12 de outubro foi o juramento da Rainha D. Maria 2.^a. Depois de uma serie de noticias ora agradaveis ora contrarias, espalhou-se que as intenções de Lord Wellington eram de nos dividir; ao que se oppoz o Marquez de Palmella, rompendo no dia 6 de novembro a ordem para tudo embarcar para o Brazil no mais curto espaço de tempo possivel.

Foi n'este tempo que veio o general Stubs tomar o commando do deposito.

Os emigrados continuaram em Plymouth enquanto as medidas positivas se tomavam para o embarque do deposito.

Declarava a ordem que no dia 20 de dezembro devia embarcar a 1.^a divisão composta de artilheria, infantaria 6 e 18, caçadores 10 e 11; sendo encarregado da conducção d'esta gente o general Saldanha, que chegou ao deposito no dia 18 á noite acompanhado do D. Fernando, Praça, Barão de Saboroso e seus irmãos.

No dia 20 não teve logar o embarque, por não se acharem, supponho promptos os transportes.

Diz-se que Lord Wellington nos fará acompanhar por navios de guerra inglezes para evitar que desembarquemos em outra qualquer parte que não seja no Brazil.

(Continua.)

os animaes, seja qual for a sua cathgoria na escala zoologica.

Se observarmos os proprios animaes domesticos, que estão sujeitos a nossa sollicitude, havemos de verificar que todos elles aspiram ao movimento e procuram o exercicio; que apenas muito violentados se submettem a qualquer regimem, que os force á inacção e que manifestam sempre uma grande alegria e um grande entusiasmo, quando se podem tornar a mover livremente e desembaraçadamente no gozo e na plenitude de todas as suas forças physicas.

E' claro que os instinctos podem-se desenvolver ou atrophiar; é claro que pela acção do meio, pelos costumes da epocha, pela influencia da educação os instinctos ou podem adquirir uma intensidade maior ou podem-se ir attenuando lentamente e progressivamente até se estinguirem de todo.

E tem sido este, diga-se a verdade, o grande poder da civilisação e a grande força do progresso.

Transformar o homem primitivo, ignorante e sanguinario, com uma intelligencia talvez inferior á do macaco, com uma sensibilidade decerto inferior á do cão no homem do seculo XX, instruido e magnanimo, com o cerebro accessivel a todas as concepções da sciencia e com o coração aberto a todos os principios de humanidade é o que tem sido atravez dos seculos o trabalho d'essa grande força evolutiva e do minadora, que se chama a civilisação.

Infelizmente porem a civilisação não se tem limitado a corrigir e a supprimir os maus habitos e os maos instinctos; pela sua marcha e evolução, com os seus processos e artificios ella tambem tem dado cabo de muita coisa boa.

Em vez de estimular o instincto do movimento e de favorecer a necessidade natural do exercicio, a civilisação forçando o homem a um trabalho intellectual excessivo e impondo lhe desde da infancia uma vida de estudos, de encargos e de responsabilidades, tem-lhe cerceado todos os meios e até todas as accasões de tractar da sua saude e de desenvolver as suas forças.

E cada vez a situação se vae tornando mais desoladora debaixo d'este ponto de vista; cada vez abundam mais as doenças, que como a neuresthenia o rachitismo e tuberculose resultam da *surmenage* intellectual ou da fraqueza physica; e nas escolas e nos lyceus cada vez se accumulam em maior numero milhares e milhares de creanças, que durante horas e horas do dia se encontram sujeitas a um regimen, que é a negação de todas as leis da natureza e de todas as necessidades do organismo humano.

Para obviar a um tal estado de coisas, urge destruir de alto a baixo um systema de educação, que hade incidir forçosamente por uma forma funesta na saude publica e nos destinos da raça.

Mas não basta destruir, é necessario igualmente edificar; não basta apenas apontar o que é prejudicial e contraproducente, é necessario apurar-se depois o que é util e rasuavel; não basta dizer-se que a gymnastica é uma coisa muita boa e conveniente para as creanças, é necessario ver-se em seguida se essa coisa tão boa e tão conveniente é a gymnastica dos apparatus que produz os grandes atheletas ou os grandes acrobatas, os Hercules temiveis pela força dos seus musculos ou os Adonis, notaveis pela belleza das suas formas.

A primeira coisa a considerar é que uma tal gymnastica não é para todos nem convem a todos; Lagranje verificou que das creanças educadas na gymnastica dos apparatus apenas 30% executavam correcta-

mente os exercicios acrobaticos e atheleticos e eram portanto os que poderiam tirar d'elles qualquer proveito.

Aos fracos, os anemicos, aos que veem a este mundo trazendo no seu organismo



Corrida Figueira-Lisboa

Bordino, *chauffeur* do automovel F. I. A. T. de S. A. o sr. Infante D. Afonso

depauperado ou degenerado todas as tendencias morbidas não se pode applicar a gymnastica dos apparatus, que apenas pode ser proveitosa para os fortes para os robustos, isto é para os que menos necessitam da educação physica, por que são os que dispõem de melhores condições de resistencia.

Os movimentos que se executam nos exercicios acrobaticos e nos jogos atheleticos não são os movimentos normaes, que estão adequados a energia dos nossos musculos e á disposição dos nossos orgãos.

São pelo contrario movimentos anormaes que apenas se produzem por um esforço mais ou menos violento, por um artificio mais ou menos complicado e que demandam para a sua execução attitudes especialissimas e combinações musculares, difficeis de tomar e difficeis de manter.



Corrida Figueira-Lisboa

No Campo Grande, o *chauffeur* Edmond e o seu *mechanico* no automovel *Darracq*

O atheleta procura tirar dos musculos o maior partido possivel, aproveitando a sua energia até ao limite maximo, mas não se preocupando com o estado do coração, com o desenvolvimento dos pulmões, com o bom ou mau funcionamento dos restantes orgãos.

Ora nas creanças, onde o organismo apenas se desenvolve por uma forma lenta e gradual, todo o trabalho excessivo dos musculos produz resultados funestos, o que se verifica nos campos, onde ellas muitas vezes se consagram a serviços agricolas, que não são adequados ás suas forças e nos meios industriaes, onde exercem profissões, que não são proprias da sua idade.

N'esses casos da-se sempre um retardamento geral da nutrição, que as vae prejudicar sensivelmente na sua saude.

O acrobata procura adaptar o seu corpo ás posições mais extravagantes e ás attitudes mais imprevisitas.

Ora na infancia, onde tudo é transitorio e instavel, onde os tecidos ainda não tomaram a configuração, que lhes é propria, onde os ossos ainda não adquiriram a consistencia, que lhes é devida, e onde os orgãos se tendem a adoptar pela mudança de forma a qualquer movimentos anormaes que se repitam com frequencia, na infancia a gymnastica acrobatica pode dar lugar a deformações do esqueleto.

Essas deformações persistem com a idade, accentuam-se com o decorrer dos annos e podem por sua vez occasionar doenças do systema osseo e muito especialmente da columna vertebral.

O proprio desenvolvimento muscular, que muitos julgam ser opanagio dos acrobatas e atheletas não se consegue as mais das vezes nas creanças com a gymnastica dos apparatus porque o tecido muscular não se desenvolve na infancia em virtude das mesmas leis, porque se desenvolve nos adultos.

E quando se consiga o facto apenas pode ser inutil ou contraproducente.

Que importa realmente que uma creança de 14 annos possa ostentar uma bõa musculatura com ums bicipites opulentos, com ums peitoraes magnificos, se o coração d'essa creança não pode por todas as leis da physiologia acompanhar um desenvolvimento tão precoce e se as funções principaes do organismo como a respiração a circulação e a nutrição hão de ser forçosamente prejudicadas por esse desequilibrio manifesto e profundo entre um coração, relativamente fraco e um corpo, pre maturamente desenvolvido?

Ha porem uma gymnastica que se pode applicar a todos, fracos ou robustos, creanças ou adultos e que a todos convem e a que todos beneficia, sem occasionar o menor desequilibrio, sem offerecer o menor perigo.

Essa gymnastica é a de Ling, creada na Suecia e propagada a todos os paizes,

onde se tracta a serio da educação physica.

A gymnastica sueca não localiza todos os movimentos nos membros superiores como o atheletismo e o acrobatismo; distribue-os gradualmente e proporcionalmente por todas as partes do corpo e exerce uma acção mais intensa, mais salutar e mais directa sobre a circulação e sobre a respiração.

Tem alem d'isto a vantagem de se poder applicar simultaneamente n'um unico curso a um numero illimitado de alumnos, que a um signal dado pelo professor estendem as pernas, dobram os braços, deslocam o tronco em varios sentidos, fazendo-se tudo isto com a maior simplicidade e com a maior variedade, sem que se produza em qualquer região do corpo um unico movimento, que não seja devidamente proporcionado á força muscular d'essa região e sem que a creança tenha que tomar uma unica attitudé, que não seja absolutamente normal e por isso mesmo absolutamente inoffensiva.

Para se ver o bom resultado que se pode colher com a gymnastica sueca no desenvolvimento physico das creanças fracas e predispostas á tuberculose basta apontar uma experiencia que se effectuou na escola do 17.^o *arrondissement* de Paris.

Em principios de junho de 1899 formaram-se dois grupos de quinze creanças de cada sexo, que pela sua fraqueza e más condições de saúde haviam sido excluidas das gymnasticas acrobatica e atheletica.

Tomou-se n'essa occasião nota respectivamente das suas edades, estaturas, pesos e circumferencias thoraxicas.

No fim de Março de 1900 verificou-se que a maioria d'elles haviam alcançado com menos de dez mezes de gymnastica sueca tanto no peso, como na estatura e circumferencia thoraxica um acrescimo superior ao augmento medio annual das creanças da sua idade.

As que soffriam de scoliose melhoraram consideravelmente; as que apresentavam curvaturas na columna vertebral adquiriram uma attitudé mais correcta e todas ellas se collocaram em melhores condições de robustez.

O *Club* de Lisboa, creando uma aula de gymnastica hygienica n'um paiz, onde a hygiene é uma verdadeira ficção, onde a tuberculose ou rachitismo se alastram dia a dia e onde a maior parte das familias ignoram o que seja a educação physica, produziu decerto a sua melhor obra, a mais util a mais perduravel, a que ha de viver mais tempo ao affecto e na gratidão dos nossos filhos.

ESTEVAO DE VASCONCELLOS.

AUTO VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

O AUTOMOBILISMO NO EXERCITO PORTUGUEZ

O director da fabrica italiana d'automoveis F. I. A. T., o nosso amigo sr. Eurico Marchesi, antes de partir para Turim, fechou contracto com o ministerio da guerra e a direcção da Manutenção militar para o fornecimento de automoveis (fourgons e camions) para o serviço do campo intrincheirado de Lisboa e da Manutenção militar.

D'est'arte, Portugal, como a França, a Alemanha, a Italia e a Inglaterra poderá constatar as indiscutíveis vantagens que o automobilismo presta aos exercitos.

Por enquanto, parece que a experiencia que o sr. Pimentel Pinto vai tentar, é re-

lativamente limitada; mas não de manifestar-se, seguramente, os beneficios que os automoveis podem prestar.

Agora mesmo encontramos nos jornaes estrangeiros o extracto de uma notavel conferencia que o coronel Crompton fez ácerca dos meios de transporte empregados pelo exercito inglez na guerra do Transvaal, em que affirmou terminantemente que o emprego dos automoveis deu o mais brilhante resultado no transporte não só de soldados como das mais pesadas peças d'artilheria, assignalando assim as incontestaveis e enormes vantagens que o novo systema de locomoção pode prestar na guerra.

Quanto aos serviços que elle pode prestar aos exercitos em tempo de paz, ahí está o resultado das experiencias aturadas e cuidadosas feitas em França, na Russia, na Alemanha, na Belgica...

Ainda no penultimo numero d'esta revista publicámos o resultado dos estudos que o general allemão F. Otto acaba de fazer sobre as vantagens de uma organisação automovel bem pensada, no exercito allemão.

Segundo o illustre general, os automoveis empregados, só no transporte de peças d'artilheria o de viaturas, em numero de 500 locomotivas, daria uma economia de 15:000 cavallos, 5:000 conductores e 500 subalternos.

E' claro que dizendo isto, trazendo estes argumentos, nós não queremos dizer ao sr. Pimentel Pinto ponha desde já, em pratica um serviço largo e completo de automoveis; não, o que queremos é mostrar as vantagens do novo systema de locomoção, os serviços que elle pôde prestar e applaudir a sua intervenção no exercito portuguez.

Assim nós poderemos igualmente applaudir a maneira como se fez a aquisição dos automoveis...

A nossa opinião é que elles deviam ter sido adquiridos em concurso publico e não por um contracto particular. Mas, emfim...

Recordas automoveis:

Consta-nos que, tão depressa o tempo melhoramos ter uma lucta de *sport* automobilista bastante interessante.

Trata-se nem mais nem menos do que atacar os *records* Porto-Lisboa e Figueira-Lisboa em motocyclette, o primeiro estabelecido pelo sr. Dr. Tavares de Mello, e o segundo pelo sr. Paula, de Santarem. E' este distincto motocyclista que se propõe a atacar o *record* Porto-Lisboa. Quanto ao Figueira-Lisboa será um motocyclista de Coimbra, ou talvez mesmo o sr. Dr. Tavares de Mello que tentará batel-o.

De resto, devemos dizel-o, o resultado da corrida do sr. Paula, feita sem preoccupações de *record*, o seu tempo, será talvez mais facil de bater do que o da corrida do sr. Dr. Tavares, homologado como verdadeiro e brilhante *record*.

Em todo o caso veremos.

Os premios da corrida Figueira-Lisboa:

Tambem á redacção do *Tiro Civil* foi enviado um bilhete postal anónimo — esta especie de correspondencia costuma ser sempre anonyma — perguntando quando serão distribuidos os premios da corrida Figueira-Lisboa.

Pelo que vemos o preclaro inquiridor não leu o relatório da respectiva comissão, publicado no ultimo numero do *Tiro* e na *Epoca* de 1 do corrente, aliás já saberia que foi resolvido que a entrega dos premios aos automobilistas se fizesse por occasião da sessão solemne de instalação do «Automovel Club de Portugal».

Mas, já agora queremos tranquilisar ainda mais completamente a impaciente curiosidade do anónimo: Os premios destinados aos vencedores da primeira e segunda cathogoria, isto é das classes de motocycletas e de automoveis do peso de 230 a 630 kilos estão depositados na redacção da *Epoca* desde o dia da corrida; o outro que é destinado á 3.^a cathogoria e que foi offerecido pela *Epoca*, está sendo executado nas officinas da ourivesaria Leitão.

E dizemos-lhe mais: o premio do *Tiro Civil*,

que é o da segunda categoria, ganho pelo sr. Afonso de Barros, é um lindissimo e artistico relógio ornamental. O premio da *Caça* é uma estatueta italiana, *La Fiorentina*, tambem de muito gosto.

Está satisfeito o illustre anónimo?

Quer ainda ver os premios?

Pois dirija-se á redacção da *Epoca* que lá os tem para regalo dos seus olhos e satisfação da sua impaciente curiosidade.

Os srs. Marchesi e Cachapuz:

Como annunciámos no passado numero do *Tiro*, realisou se no dia 1 do corrente n'uma das elegantes salas do *Avenida Palace* um jantar offerecido pelo sr. Enrico Marchesi engenheiro e co-proprietario da fabrica italiana d'automoveis F. I. A. T., á commissão organisadora da corrida Figueira-Lisboa.

Presidiu ao banquete o sr. Maschesi que tinha á sua direita o sr. Dr. Zeferino Candido, director da *Epoca* e á esquerda o sr. Anselmo de Sousa, director do *Tiro Civil*; em frente do distincto engenheiro italiano tomou lugar o sr. Souza de Cachapuz, outro engenheiro tambem muito illustrado e que apesar de ser de naturalidade italiana, é de origen portugueza, pois seu pae era de Vizeu. A' direita do sr. Cachapuz assentou-se o nosso collega Eduardo Noronha e á esquerda, o signatario d'esta secção, redactores do *Tiro*.

N'uma das cabeceiras da mesa tomou lugar o nosso amigo e distincto presidente do R. G. C. P., o sr. Alvaro Pereira de Lacerda.

O jantar decorreu muito animado e alegre, falando-se muito, como era natural, sobre *sport* e principalmente sobre automobilismo. O sr. Marchesi que, sobre ser um apaixonado *sportsman*, é um verdadeiro *gentleman*, captivou a todos os convidados com as suas inexcusaveis amabilidade e prometteu á commissão não só que a casa F. I. A. T. viria tomar parte nas primeiras corridas que o A. C. P. organisasse, como offereceria uma medalha d'ouro como premio que se denominaria *Epoca*, em homenagem ao sr. Dr. Zeferino Candido, iniciador da corrida Figueira-Lisboa.

Ao champagne fizeram-se varios brindes ao sr. Marchesi, á industria italiana e á Italia, á imprensa, á U. V. P. ao A. C. P. etc., etc.

Ainda as agradabilissimas impressões d'esta festa se não tinham apagado — e não se apagaram facilmente — receberam os convivas do primeiro banquete um novo convite para outra festa, agora offerecida pelo sr. Souza de Cachapuz, em honra do sr. Marchesi que no domingo se retirou para Italia.

Esse segundo jantar effectuou-se no Hotel Francfort na sexta feira 7; com um caracter muito intimo, muito cordeal, não desmereceu em nada do encanto do anterior. Passaram-se algumas horas no mais agradável convivio e animada palestra sobre automobilismo, viagens e arte.

Ao *dessert* trocaram-se diversos brindes sendo muito captivante para nós o que o sr. Cachapuz levantou ao *Tiro Civil* cujos serviços á causa do *sport*, do tiro nacional e da educação physica exaltou com verdadeiro entusiasmo.

Esse brinde foi agradecido em phrase elevada pelo nosso collega Eduardo de Noronha.

O jantar terminou cerca das 10 horas da noite retirando-se todos os convidados muito penhorados pelas attentões e amabilidade do sr. Cachapuz e do sr. Marchesi.

Este distincto engenheiro partiu, como disse-mos, no domingo, para Turim; seguiu pelo expresso de Madrid em direcção a Barcelona onde tomará o vapor que o ha de conduzir a Genova, seguindo d'aqui novamente em caminho de ferro até á formosa cidade Piemonteza.

A' gare do Rocio foram despedir-se do sr. Marchesi alguns dos seus amigos.

Corridas no Porto:

No passado domingo 9 realisaram-se na estrada da circumvalação do Porto, corridas de bicyclette organisadas por uma commissão composta dos srs Thomaz Castro, Antonio Lopes e Antonio Ferreira.

Foram duas as corridas, uma para junior e outra para senior, n'um percurso de 4:500 metros. Na primeira venceram os srs. J. Clero, Silva Rocha e Oscar Mudat; na segunda, os srs. J. Soares, Innocencio Augusto e Carlos Fonseca.

Os vencedores foram muito acclamados. Depois das corridas houve sessão solemne para distribuição dos premios a qual se effectuou na sala do restaurant Portugal.

Os premios constavam de medalhas de *vermel* e prata foram entregues pelo padre Sebastião de Vasconcellos que presidiu á sessão que foi abrihantada pela banda das officinas de S. José.

A União Velocipedica Portugueza foi convidada a fazer-se representar no jury d'estas corridas.

Amanhã 16 tambem no Porto, no velodromo

D. Amelia, ha corridas de velocipedes com o seguinte programma:

Desfile, por todos os corredores.

Primeira corrida — velocidade — Seniors profissionais, 8 voltas (2.400 metros). Primeiro premio, 10\$000 réis; segundo premio, 5\$000 réis.

Segunda corrida — reservada — Seniors amadores, socios do R. V. C. P. — 6 voltas (1.800 metros). Primeiro e segundo premios: Diplomas de primeira e segunda classe e objectos d'arte.

Tercera corrida — local — Juniors do Porto — 3 voltas (900 metros). Primeiro e segundo premios: Diplomas de primeira e segundo premios; Diplomas de primeira e segunda classe e objectos de arte.

Quarta corrida — nacional — Seniors profissionais — 10 voltas (3.000). Primeiro premio, 12\$000 réis; segundo premio, 6\$000 réis; terceiro premio, 3\$000 réis.

Quinta corrida — internacional — Motoceletas — 20 voltas (6.000 metros). Primeiro e segundo premios: Diplomas de primeira e segunda classe e objectos d'arte.

A. U. V. P. nada tem com estas corridas nem toma conhecimento dos seus resultados, visto que segundo o seu novo regulamento, só intervem nas corridas organisadas pelos clubs ou socios unionistas ou, emfim, por quaesquer entidades que para isso sejam por ella autorisadas.

E, quanto a nós, essa nova disposição alem de liberal é muito sensata, pois que deixa inteira liberdade de organisação a todas as corridas não officias, pondo assim termo a conflictos desagradaveis para todos, e com os quaes nem o sport nem a União lucravam.

Assim os individuos ou collectividades que desejarem organizar corridas officias e que os seus resultados sejam reconhecidos e qualificados pela U. V. P. e sancionados pela União Cyclista Internacional, adoptam e seguem á risca todas as prescripções do regulamento respectivo. Os que preferirem á classificação official da União, uma organisação livre e independente, farão o que lhes aprouver ou o que a suas leis particulares lhes determinarem.

E' um regimen de liberdade.

*

O Gymnasio Club Figueirense:

Esta benemerita associação sportiva tão distinctamente presidida pelo nosso bom amigo sr. Alvaro Ferreira de Lima prepara-se para festejar brillantemente o anniversario da sua fundação, no dia 1 de janeiro proximo.

Haverá, entre outras festas, corridas velocipedicas de fitas e argolas e a chegada da estafeta Aviro-Figueira, sendo o conhecido cyclista aveirense Sousa Gomes, o encarregado de entregar a mensagem ao presidente do Gymnasio Figueirense.

*

A corrida Paris-Madrid:

Como dissemos no passado numero o A. C. F. trata de organizar d'accordo com o A. C. H. uma corrida de automoveis Paris-Madrid que deverá realizar na primavera de 1903.

Por emquanto o que ha são apenas combinações. Em todo o caso a idéa foi acolhida com todo o enthusiasmo, tanto em França como em Hespanha.

O itinerario ainda não está escolhido, como é natural visto o estado da questão, mas ha 3 para escolher: o primeiro passa por Irum, S. Sebastian, Tolosa, Salvatierra, Victoria, Burgos, Valladolid, colo do Guadarrama, Villaba e Madrid.

E' o peor de todos os caminhos; sobre ser o mais extenso é muito accidentado e as estradas estão em pessimo estado. Tem apenas a vantagem de seguir de perto o traçado da linha ferrea. O segundo itinerario bifurca a partir de Burgos para passar por Lerma, Aranda do Douro, Buitrago, El Molar, Fuencarral e Madrid. Tambem é mau caminho por causa do estado da estrada.

O melhor é o seguinte que foi o que seguiu Muller no seu record Paris-Madrid, em bicyclette: Irum, S. Sebastian, Tolosa, Alsasna, Salvatierra, Haro, Logroño, Soria, Jadraque, Guadalupe, Alcalá de Henares e Madrid. Esta estrada é muito pouco concorrida e está bem conservada. Ainda assim precisam ser concertados uns 100 kilometros, mas o ministro das obras publicas promptificou-se já a mandar proceder a todos os necessarios trabalhos de reparação.

Parece que será este o itinerario adoptado, a realizar-se a corrida, e n'esse caso será ella dividida em 3 etapas: Paris-Bordeus, Bordeus-Victoria e Victoria Madrid.

NOTAS SOLTAS

— No dia 4 realizou-se no velodromo de Metz uma corrida de 18 horas, sem treinos. O vencedor, Hess, percorreu 357 km. 600 m. O tempo esteve pessimo.

— Dois cyclistas inglezes Woodman e Monk-

house, socios do Abingdon Cycling Club conseguiram batter em 7 minutos, o record das 100 milhas em tandem. Os dois distinctos *cyclermen* percorreram as 100 milhas, absolutamente sem treinos, na estrada de Bath em 5 h. e 4 m.

O antigo record estava em 4 h. 57 m.

— A. Baugé que fôra uma das glorias mais brillantes do ciclismo francez e que ha cerca de um anno se havia retirado das pistas para encetar a vida jornalistica como redactor do *Auto Vélo*, seduzido pelos encantos do sport que tantos dias de gloria lhe porporcionára, cheio de nostalgia pelo seu passado de corredor, acaba de abandonar a pena de escriptor, para novamente se dedicar á bicyclette. Baugé deve em breve reaparecer no velodromo de Buffalo, de Paris e, elle que é ainda hoje o detentor de numerosos records, propõe-se a reconquistar os que lhe foram arrebatados durante a sua ausencia das pistas e a augmentar com novos louros a sua coroa de gloria.

Baugé é um corredor notavel *doublé* d'un escriptor e jornalista muito distincto.

— O sr. D. Carlos que, como se sabe está actualmente em Paris, visitou ha dias as vastas officinas para o fabrico d'automoveis dos srs. Charron, Girardot et Voigt, encomendando por fim uma magnifica carroagem de 6 logares, que, no dizer do *Auto Vélo*, será uma verdadeira maravilha.

— Henri Fournier, o grande *chauffeur*, vencedor da corrida Paris-Berlin, conseguiu bater n'um dos ultimos dias da passada semana os records da milha e do kilometro em automovel Mors, typo Paris-Vienna, 4 cylindros verticaes, força de 60 cavallos, 999 kilos de peso. A corrida que serviu para inaugurar a estrada de Dourdan a Saint-Arnoult, officialmente escolhida pelo A. C. F. para os records, deu o seguinte resultado: Milha (1.609,32) 47 s. 2/5 (antigo record 48 s. 2/5). Kilometro, 29 s. 1/5 (antigo record 29 s. 2/5). Velocidade maxima á hora 123 km 29 m. em media!

— Bald o corredor americano que acompanhou Zimmerman á Europa continua alcançando grandes triumphos em Paris, pois tem vencido quasi todos os *sprinters* europeus, inclusive Ellegaard.

Quanto a Zimmerman mais infeliz que Bald, pois não conseguiu alcançar a sua antiga e gloriosa «forma», não tornou a correr depois do *match* contra Jacquelin e Bald. Abandonou definitivamente as pistas e actualmente anda viajando por Inglaterra com sua esposa.

— O motoceletista Perron acaba de estabelecer o record dos 500 kilometros em motocelette, em estrada. Os 50 km. foram «cobertos» 49 m. 40 s. e os 100 km. em 1 h. 42 m. 45 s.

O nosso conhecido corredor Rul Buisson está inscripto para a grande corrida de seis dias no Madison Square Garden; de New York.

CARLOS CALLIXTO.

CAÇA & PESCA

A Cynegetica na Edade Média

«Jadis nul n'osait en province
Porter aux champs son mousqueton,
Tonton, tonton, tontaine, tonton.
On gardait la perdrix du prince;
Les loups devoraient le mou'on.
Tonton, tontaine, tonton.»
BÉRANGER — La Chasse

III

(Continuado do n.º 246)

N'este genero de caça pertenceu, com effeito, á falcoaria o principal papel.

Não havia formosa que não tivesse o seu falcão predilecto. Damas e cavalleiros, levando os seus mais estimados lebreus atrellados á sella, para os largarem na occasião opportuna, e empunhando os indispensaveis favoritos falcões e açores iam ouvindo e dizendo madrigaes e finezas, mil requiebrs e galanterias.

De pequininas, as que um dia haveriam de ser amonanas gentis, ensaiavam-se já a domesticar avesinhas, emquanto não chegava o tempo de possuirem tambem o seu açor, o seu falcão estimado.

De ambos os factos nos deixou o grande tragico inglez o testemunho.

Julietta, voltando á varanda, onde estava ouvindo os amorosos protestos de Romeo, e não o vendo, exclama:

«Romeo, Pstt. ó Romeo! Ah! meu Deus! se eu tivesse
«A voz do falcoeiro, e clamando podesse
«De novo a mim trazer-te, ó meu falcão amado!»

E depois, despedindo-se de Romeo, é ainda a recordação do que ella propria faria, pequenina, que lhe acode aos labios, por modo de comparação, para exprimir o que deseja:

«Tal como uma menina a uma ave que prendeu
«Por tenue fio ao pé; deixa-a voar contente.
«Mas se teme lhe fuja, a pucha de repente. (1)

Esta bemquerença das damas pelos seus inseparaveis aligeros grangeava a estas a honra de entrarem tambem nas boas graças dos adoradores.—Retribuiam-lhes, porém, a distincção, patrocinando-lhes as pretensões, e não de todo sem proveito proprio. Para agradarem a suas amadas, os gentis namorados desfaziam-se, com effeito, em attenções para com as aves caçadoras que lhes pertenciam. Offereciam-lhes acepipes, faziam-lhes mil caricias, e quando a occasião se apresentava, apressavam-se a tirar-lhes mui delicadamente a vizeira. (2) Tomando, emfim, o logar do falcoeiro encarregado de lhes dirigir o vôo, lançavam-n'as, excitavam-n'as contra a caça assignalada, e depois, quando o bem ensinado nebrí, ou açor, librando-se nos ares, voltava á terra com a preza fisgada nas garras, ou era chamado para vir ao punho pelo reclamo, tambem lha sabiam tirar com toda a dextreza e arte.

Daqui se entrevê já quanto importava a um castellão opulento dispor de bons falcoeiros, e ser bom falcoeiro não era, como veremos, occupação das mais faceis. A falcoaria adquirira fóros de sciencia, e, tempo adiante, objecto de tratados especiaes, não desdenharam principes de os escrever, como o nosso infeliz D. Duarte se não dedignou de tratar tambem da «ensenaça de bem cavalgar toda sella».

Das duas aves empregadas na caça da alta volateria, o açor e o falcão, era este o mais estimado.

O açor, «no talhe e feição muito semelhante ao gavião, ainda que de maior corpo», no dizer de um nosso compatriota que tratou a materia *ex-professo*, o entendido pagem do Prior do Crato, Diogo Fernandes Ferreira, (3) era ave de caça ordinaria, em razão do pouco que voava.

As especies da sua preferencia, pela limitada possança de vôo que demandavam, eram as perdizes e faisões, e, em geral, todas as aves de fraca envergadura. Bem ensinado, vinha facilmente ao punho.

Das treze especies cosmopolitas, só uma, açor dos pombos, se conhece na Europa. E' sabido que ás nossas ilhas dos Açores foi dada esta geral autonomia, por se terem n'ellas encontrado grandes bandos destas rapinantas.

Não é porém só em nossos dominios insulares que o açor teve o poder de radicar seu nome. No continente de Portugal, o vocabulo, quer empregado no singular, quer no plural, é denominação de duas serras, uma na Beira Alta, outra no Algarve, e algumas freguezias, logares e quintas em diversas provincias e conceellos.

Tinha o monarcha os seus açores, confiados á guarda do seu falcoeiro menor. O

(1) Servimo-nos da formosissima traducção do mavioso poeta e insigne caçador, Raymundo de Bulhão Pato, in *Brinde aos Senhores Assignantes do Diario de Noticias*, 1867.

(2) As aves de preza, domesticadas e ensinadas a caçar, eram conduzidas ao logar da caçada, e até á occasião de lhes apontarem a caça voejando nos ares, com os olhos tapados pela vizeira, afim de se não distrahiem, nem espantarem.

(3) *Arte da caça da Altanería, dirigida a D. Francisco de Mello, &c.*—Lisboa, 1616.

cargo de falcão mór de el-rei foi um dos grandes officios da casa real portugueza, achando-se no L. III, T. 4.º § 1.º, das **Orden. Affons.** preceituadas as obrigações de um e outro dos dois funcionarios, meudamente especificadas.

Na descripção da despeza da casa real portugueza no anno de 1806 ainda a «*Falcoaria*» apparece entre os 19 artigos, sendo o 7.º, pela importancia de 4.333.500 réis.

Havia tambem o cargo de «Caçador mór», que andava na casa dos condes de Redondo, e foi extinto, indemnisando-se o titular pelos prejuizos da extincção, por Dec. de 1 de julho de 1651.

Recebia o reinante fóros de certos casaes, pagos em gallinhas. A esta especie de fóro se chamava *Gallinha do açor*, quer aquellas aves fossem destinadas para ralé das de caçar e prear, da real falcoaria, quer representassem a commutação do açor com que taes casaes deviam contribuir para a volateria real. E não seriam poucos os casaes a que andava impendente semelhante obrigação, visto como havia uma ordem de funcionarios especies destinada á cobrança desta especie de fóros. — Chamavam se «*Mordomos galeiros*». (4)

Os falcões vinham de paizes longiquos; da Suecia, da Islandia, das ilhas do Mediterraneo, onde são vistos sempre sobre os mais elevados rochedos, sempre no pincaro das montanhas de maior escarpa.

Das diferentes familias desta casta de rapaces, o *nebrí* era o mais estimado, graças a seu altaneiro vôo, pelo qual sobrepuja todos os da sua especie.

De todas as aves de prear, os falcões são as que melhores formas apresentam, as que mais coragem e mais agilidade desenvolvem. D'Orbigny diz que não ha ave que as eguale na rapidez do vôo; nadam nos ares. A estas qualidades alliam a de possuirem um raio visual poderosissimo. (5)

Todos estes predieados, a que se allia uma nobresa de porte devéras dominadora, tornavam os falcões por extremo queridos aos caçadores da Meia Edade.

A sua preponderancia nos costumes do tempo foi, por isso, enorme.

Inseparaveis de seus donos, que juravam por elles, os falcões eram sepultados com seus possuidores, ou constituíam legados do maior apreço a amigos mais intimos.

Esculpidos nos grandes sarcophagos, partilhando de prerogativa igual á dos lebreus, estendidos aos pés do vulto de seus nobres donos, recordando a sua inseparavel fidelidade, os falcões attestavam a nobresa dos mortaes que ali dormiam o derradeiro somno e a inquebrantavel união que os torna solidarios em vida, até perante a lei.

De facto, a lei franca, permitindo ao nobre que fôsse prisioneiro o resgatar-se por tudo o que possuísse,—até por duzentos villões de suas terras! — prohibia-lhe incluir os seus falcões no resgate.

Se da esphera da nobresa descemos á tradição dos costumes, leis e posturas municipaes, vemos o mesmo singular e escrupuloso cuidado protegendo as aves de alantania e os animaes de presa.

O *Estatuto de Milão* prescrevia que se restituíssem os falcões roubados, e se entregassem os fugidos a quem provasse ser seu dono. O roubo de um falcão equivalia ao assassinio de um escravo, do mesmo modo que roubar cães e pombos, armar laços ás andorinhas e armadilhas ás cego

nhas eram delictos severamente punidos em toda a Italia.

Estas, segundo o testemunho de Aulo Ticino, (6) eram então tão communs no paiz, como são agora extranhas n'elle. Fazendo seus ninhos pelas cornijas das torres, limpavam os arredores de insectos venenosos ou prejudiciaes á agricultura.

(Continúa)

GOMES DE BRITO.

(6) *Cibrario—Economia Política del Medio-Evo, —Turin, 1839.*

UM BOM SERVIÇO

Nos principios d'este mez alguns distinctos caçadores, entre elles o nosso bom amigo Baptista Gouveia, fizeram uma caçada aos pombos, do que resultou uma boa colheita. Os distinctos caçadores querendo obsequiar alguns amigos de Lisboa, mandaram, pela diligencia de Alcaçer do Sal, umas alcofas com pombos, á estação do Poceirão, no caminho de ferro do Sul, para logo na manhã desse dia seguirem para Lisboa, pelo primeiro comboio, e assim era de esperar.

Pois no dia seguinte á tarde ainda as alcofas com os pombos estavam para um canto, na estação do caminho de ferro, onde tinham sido de pachadas, como dissemos, na manhã do dia anterior!

Um cummulo de bom serviço, pois não é? que algum o'he para isto, é o que pe limos.

Correspondencias

Evora, 10-11-902. — No Club dos Atiradores Civis Eborenses funciona actualmente uma aula de gymnastica elemental, applicada ás creanças. A innovação é sympathica para todos os que desejam o desenvolvimento physico da infancia e é de incontestavel utilidade para assegurar a robustez no futuro a todos os jovens, que de pequenos seguem as regras preceituadas n'esta arte.

Em Evora sentia-se a falta d'este desenvolvimento social; pena é que todos os paes carinhosos e dedicados pelos filhos não encarem a vida por este prisma, inscrevendo-se como socios, porque além de proporcionarem uma distracção vantajosa aos filhos, prestavam valiosa coadjuvação aos iniciadores d'este novel club.

Continua tambem funcionando com grande assiduidade a aula de esgrima.

São dignos dos maiores encomios os distinctos profressores que tão generosa e desinteressadamente se offerceram a prestar todos os seus valiosos elementos para tão digno emprehendimento. Era para mim verdadeira satisfação, tornar publico os nomes de ambos os cavalheiros se não temesse meliadr'alos na sua reconhecida modestia; contudo, a minha homenagem é sincera e entusiasta. — *Corsespondente.*

MOSAICO

CONDOLENCIAS

No dia 4 do corrente pelo meio dia e meia hora da tarde falleceu o sr. Manuel Pedro de Faria e Luna, illustre tenente do exercito e nosso chorado amigo.

O distincto official além da sua muita illustração era querido de todos pela correcção de character que o distinguia e pelos seus dotes de coração.

O illustre extinto era cunhado do nosso amigo e collega sr. Joaquim Friaga Pery de Lindes, a quem, e sua familia, enviamos as nossas condolencias.

No funeral a U. A. C. P. fez-se representar pelo seu presidente da Commissão Executiva. Paz á sua alma.

ACCACIO JOSÉ FERREIRA

Tivemos a visita d'este nosso amigo e assignante fundador da 7.ª filial da «União» em Loanda, que á metropole veio procurar allivios a uma pertinaz doença que o affligia e de que felizmente se encontra melhor.

Do coração desejamos que essas melhoras se accentuem, a ponto de restituir ao nosso bom

amigo, a sua laboriosa e activa vida, e ao convívio dos seus amigos, que os tem bastantes.

«A EPOCA»

Este nosso collega teve a amabilidade de transcrever as declarações que sobre a corrida d'automoveis Figueira-Lisboa, publicámos no ultimo numero, firmadas pelo nosso collega Eduardo de Noronha, redactor d'esta revista. Agradecemos a gentileza que nos penhorou em extremo.

LAWN TENNIS

Um grupo de rapazes que com grande enthusiasmo se dedicam ao *Lawn Tennis*, acabam de se reunir a fim de construir um *court* em Lisboa.

O local escolhido foi ao cimo da Avenida da Liberdade, junto á rotunda, em terrenos do sr. Henrique Antunes.

N'uma reunião realisada no dia 29 do mez passado, estudaram o regulamento interno pelo qual se hão de reger, as condições de aluguer de terreno, construcção do *court*, eleição de direcção, etc.

A direcção ficou composta pelos srs.: D. Henrique de Alarcão, presidente; J. Henrique Ferreira, thesoureiro; João Motta Marques, secretario; Robert Reidman e Elisiario Cunha, vogaes.

Foi resolvido que o numero de socios fosse limitado a 16, tendo sido admittidos como tal além dos directores acima indicados os srs. José Abreu, Carlos Reis, José Carlos Costa, Henrique Antunes, J. Mendes, dr. Francisco Rompana, Victor Caratão, Eduardo Fonseca, Silverio Costa, João Cruz e Silva e Claudio Rosado. Já foram começados os trabalhos de construcção do *court*, de cuja direcção se encarregou o nosso amigo Claudio Rosado.

No caso do tempo não vir atrazar os respectivos trabalhos, a inauguração do *court* será ainda no corrente mez.

SUPLEMENTO

O *Tiro Civil* publica um suplemento a este numero, com as duas interessantes cartas escritas em Zurich, por um verdadeiro portuguez que as firma com as iniciaes A. M. e vieram publicadas em o nosso excellente collega, de Lisboa O *Diario de Noticias*, nos dias 15 de setembro e 8 de outubro findos.

O concelho gerente da *União* achando-as da melhor propaganda a favor do *Tiro Nacional e Educação Civica* resolveu que fossem publicadas em grande tiragem e nós fazemos essa tiragem de 50.000 exemplares em suplemento do *Tiro Civil*, que vão ser espalhados por todo o paiz, com a quadijuvação das filiae da *União*, diversas associações e collectividades.

Os assignantes de O *Tiro Civil* recebem-no em papel igual ao que usamos na nossa revista.

LOANDA

Consta-nos que n'esta, hoje bella cidade da nossa Africa Occidental, se tem desenvolvido muito o gosto pelos diversos *sports*. A *velocipedia*, a *caça* o *tennis* e o *foft-bol* tem dado logar a corridas, organização de comboios para excursões cynegeticas, partidas de jogos atleticos, etc., terminadas por magnificos e euthematicos jantares.

Bom é que o gosto pelo *sport* se generalise em as nossas possessões africanas onde tão necessario é evitar a vida cedentaria e dar logar a tudo que seja exercicios physicos,

HYPPISMO

Sabemos que alguns entusiastas por este tão util quanto bello *sport*, vão em breve tomar algumas resoluções que muito interesse tem para o seu deseenvolvimento em Portugal.

Pena é que á mais tempo se não tenha pensado assim, visto, que, além do agradável, este *sport* é o incentivo para o deseenvolvimento de uma rica industria, quasi morta em o nosso paiz, mas que é preciso fazer reviver.

Com uma pouca de protecção official quer-nos parecer que muito se poderia conseguir.

R. V. C. P.

Devido a exigencias extraordinarias, não se realizaram as negociações em que o *Real Club Velocipedista de Portugal* andava para fazer a sua installação no *Real Colyseu* da rua da Palma, como dissemos em o nosso numero anterior.

Sentimos esse malogro, porque, realisada pelo R. C. V. P. tal negociação, seria a fórma de termos em Lisboa um club de *velocipedia* e *gymnastica* digno de ser admirado.

(4) *Santa Rosa de Viterbo—Elucidario.*

(5) *Diction. d'hist. natur. Verb. Faucon.*

CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva, *Cirurgião dentista* ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes

RUA DE SANTA JUSTA, 60 2.º